

Novas disquisições sobre a Corposfera Sitofilia: corpo e sexo, erotismo e alimentação

New disquisitions on Bodysphere Sitophilia: body and sex, eroticism and food

■ JOSÉ ENRIQUE FINOL^a

Universidade de Zulia. Maracaibo – Zulia, Venezuela

RESUMO

Este artigo aborda as relações entre corporeidade, comensalidade e erotismo. Para isso, são analisadas as organizações semióticas de expressões e práticas rituais e alimentares que se baseiam no corpo, na alimentação e em algumas de suas manifestações eróticas. Referências particulares são feitas ao erotismo gastrorrítual, ao chamado *food porn*, ao erotismo místico corporal e à antropofagia erótica. Propomos um modelo de relações semióticas entre corpo, sexo e alimentação que evidencia suas semelhanças e suas expressões particulares. Conclui-se que a erotização do corpo encontra nos alimentos, em sua apresentação e consumo, uma fonte de criação de sentidos eróticos e imaginários coletivos.

Palavras-chave: Corpo, erotismo, alimentação, semiótica

^a Doutor em Ciências de la Información y de la Comunicación. Publicou mais de 130 artigos, 8 livros e ministrou mais de 130 palestras e cursos. Foi pesquisador na Universidad del Zulia, na Venezuela, e na Universidad de Lima, no Peru. Orcid: 0000-0001-9473-9751. E-mail: joseenriquefinol@gmail.com

ABSTRACT

This article addresses relationships between corporeality, commensality and eroticism. To do so, the semiotic organizations of ritual and food expressions and practices that are based on the body, food and their erotic manifestations are analyzed. Specific references are made to gastro-ritual eroticism, to the so-called food porn, to corpo-mystical eroticism and to erotic anthropophagy. A model of semiotic relationships that highlights similarities and expressions between body, sex and food is proposed. It is concluded that the eroticization of the body finds in food, in its presentation and consumption, a source of creation of erotic meanings and collective imaginations.

Keywords: Body, erotism, food, semiotics



“Não posso separar o erotismo da comida e não vejo razão para fazê-lo, pelo contrário, pretendo continuar desfrutando de ambos enquanto força e bom humor me alcançarem”.

Allende (1997, p. 11).

NESTA PESQUISA PROPOMOS relacionar os conceitos de corporeidade, comensalidade e erotismo a partir de algumas práticas socioculturais onde esses três conceitos estão vinculados. Essas práticas devem ser vistas no conjunto de relações semióticas que denominamos Corposfera, parte da Semiosfera (Lotman, 1996), que compreende os inúmeros e diversos processos de significação que se originam no/do/pelo corpo, em suas representações e ações, em suas diversas linguagens intra- e extracorpóreas.

As relações entre sexo, alimentação e erotismo ocupam lugar fundamental na semiótica corporal, na realização de corporeidades e corporalidades. Trata-se de um domínio extenso dos processos de construção de sentidos corpóreos, dentre os quais o erotismo em suas diversas formas de expressão, que adquire papel central nas culturas contemporâneas. A sabedoria mitológica expressou magistralmente as relações entre sexo e erotismo, entre desejo e sedução, graças a elaboradas estruturas atoriais e narrativas de enorme densidade semiótica. Nesse panteão mitológico, destacam-se Afrodite e Eros.

Eros, chamado Cupido entre os romanos, filho de Afrodite e Ares, era o “deus grego responsável pela atração sexual, amor e sexo” (Miranda, 2019, p. 33). Afrodite, a Vênus romana,

era a antiga deusa grega do amor, da beleza, do desejo e de todos os aspectos da sexualidade. Com sua beleza, ela provocava tanto deuses quanto homens mortais a agir ilicitamente, enquanto sussurrava coisas doces em seus ouvidos . . . Afrodite nasceu perto de Chipre, a partir dos órgãos genitais mutilados do deus do céu, Urano. (Cartwright, 2018)

Como se vê, as duas figuras míticas, mãe e filho, constituem um microuniverso sexual-erótico na cultura grega e romana, em que suas representações e relações sêmicas se estendem e se complementam; representações essas que permeiam todas as culturas ocidentais. Afinal, como diz Hunt (1991, p. 2), “o erotismo é uma noção virtualmente transhistórica, pois o erótico existiu em todos os tempos e lugares que conhecemos”.

A esse conjunto de relações entre corporeidade e erotismo é pertinente acrescentar alimento, pois, como diz Volli (2018, pp. 13-14), “A comida tem significado e, de fato, é um dos aspectos mais característicos do trabalho de significado que é essencial para a vida social e, de certa forma, a constitui”.

As relações entre corporeidade, comensalidade e erotismo têm uma longa história. Uma das referências mais antigas é encontrada nos famosos poemas bíblicos do rei Salomão em *O Cântico dos Cânticos*:

Sob a sombra do desejado eu me sentei,
E seu fruto era doce ao meu paladar.
Ele me levou para a casa de banquetes,
E sua bandeira sobre mim era o amor.
Me sustente com passas, me conforte com maçãs;
Pois estou doente de amor (Cânticos 2:5).

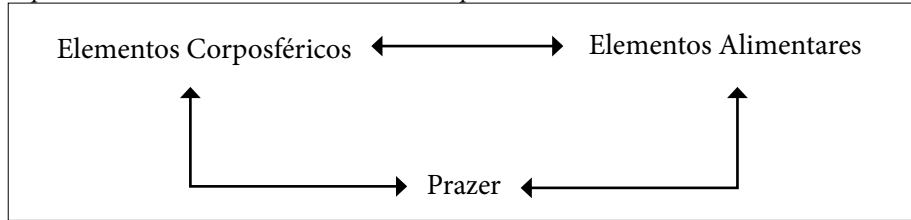
Em Cânticos 4:11, Salomão continua:

Como favo de mel, destilam
seus lábios, ó esposa;
Mel e leite há
debaixo de tua língua
(Cânticos 4:11).

E em Cânticos 4:16 continua:

Levante-se, Aquilon,
e venha, Austro;
Sobre no meu jardim,
liberam seus aromas.
Deixe meu amado entrar em seu jardim,
E comer sua fruta doce
(Cânticos 4:16).

Como se vê, essa relação entre os elementos corpóreos (a língua, os lábios, etc.) e os elementos alimentares (a fruta, o jardim, os aromas) não são apenas de enorme capacidade poética, mas também expressam uma concepção do corpo e do alimento, elementos entre os quais o prazer aparece como um conector.

Figura 1*O prazer como articulador de elementos corporais e alimentares**Nota.* Elaboração própria.

As relações entre corpo, erotismo e alimentação também se expressam em diversas formas discursivas, com metáforas em que os genitais são comparados com os alimentos e, inversamente, certos alimentos com os genitais. Essas relações também são expressas em inúmeras práticas rituais antigas e contemporâneas. Elas fazem parte de muitas parafilias e, em especial, estão inseridas na chamada sitofilia, um fetichismo em que se desenvolvem rituais de sedução ou prazer sexual em situações que envolvem o uso de alimentos. A arte também tem sido uma das expressões mais abundantes e ricas na manifestação das relações entre corpo, alimentação e erotismo. A pintura *O Filho Pródigo* (ou *Antes do Dilúvio*, 1615) de Cornelisz van Haarlem (Haarlem, 1562-1638), pintor maneirista holandês, expressa com enorme força significativa as relações que fazem parte da vida social e cultural desde o seu início.

Figura 2*O Filho Pródigo (1615), de Cornelis Corneliszoon van Haarlem**Nota.* Museu Nacional de Varsóvia. Wikimedia Commons.

É interessante notar que neste trabalho o pintor inclui a música como parte do erotismo, que também está ligado a uma de suas expressões rituais contemporâneas mais conhecidas, conhecida como *striptease*, onde o corpo e a roupa, a música e o movimento são articulados e, simultaneamente, cria-se uma tensão semiótica entre o corpo vestido e o corpo nu, entre o invisível e o visível, extremos entre os quais se realiza um processo de despojamento lento e rítmico da roupa. Como dissemos alhures, o *striptease* “é caracterizado por uma organização narrativa que vai do coberto ao descoberto ou, melhor, do oculto ao visível: é um desvelamento progressivo do corpo que segue uma sintaxe clássica, e que se estrutura em torno do tempo e do espaço físico” (Finol, 2023, p. 304).

Em outras práticas rituais contemporâneas como as “despedidas de solteira” (Finol, 1993, 1994), o erotismo e a comida estão fortemente associados. Em tais rituais, um *stripper* é frequentemente convidado, cujo corpo nu é coberto de frutas que a anfitriã deve comer diretamente com a boca, uma ação que é imitada pelos participantes da festa. No Japão, é praticado um rito semelhante à despedida de solteira. Chama-se *Nyotaimori* e consiste em comer sushi no corpo de uma mulher nua. A mesma prática, mas realizada no corpo de um homem, é chamada de *Nantaimori*.

Figura 3

Peça de comida: mulher comendo Maki-zushi no corpo de uma mulher de topless no Burning Flipside 2007



Nota. Autor: Kerry Smith. Atribuição Creative Commons 2.0.

Se analisarmos a distribuição dos corpos nesta fotografia, poderíamos dizer que a horizontalidade e a verticalidade parecem confirmar uma figura de corpo geométrico onde o alimento é exibido horizontalmente e o erótico adquire uma dimensão vertical. Nele, a perpendicularidade da relação corporal assemelha-se às poses tradicionais de oração, recolhimento e erotismo místico, típicas de algumas religiões.

No VIII Congresso Latino-Americano de Semiótica, realizado em San Luis Potosí, México, em 2014, foi realizado um ritual *Nyotaimori* sob a direção do semiótico venezuelano Rocco Mangieri, que me explicou que

O nome era Antropofágica 2. Aqui a arte como escultura viva e vegetal é vista como uma lista erótico-gastronômica de uma interação efêmera entre três corpos ou dimensões semióticas: (1) o corpo do oficiante, da escolha de ingredientes e frutas; (2) o corpo da escultura vegetal em uma postura adormecida e estática; (3) o corpo hospedado do público, o corpo do convívio. (Mangieri, 2014, em entrevista pessoal)

Figura 4

Ritual Nyotaimori realizado sob a direção de Rocco Mangieri em San Luis Potosí, México, em 2014



Nota. Foto: Leti Rigat.

Nesse ritual, o consumo de alimentos também é consumo do corpo, uma espécie de fusão erótica, gastro-corporal, que seduz e adia o sexo enquanto o simboliza.

A palavra “comer”, como é conhecida, convoca sentidos que vão além do consumo alimentar e se projetam em um “consumo erótico”, onde, por exemplo, fruta e sexo se fecundam mutuamente, como vimos no *Cântico dos Cânticos*. *A Comilança* (1973), o filme franco-italiano do diretor Marco Ferreri, é um excelente exemplo da combinação inseparável entre corpo, erotismo e comida. Outro exemplo de filme é *Como água para chocolate* (1992), filme de Alfonso Arau baseado no romance de Laura Esquivel. Os dois filmes, como muitos outros, são uma expressão do que Stano chama de “*cibosfera afrodisíaca*” (Stano, 2018, p. 50), que poderíamos traduzir como “*gastrosfera afrodisíaca*”, entendida como o conjunto de componentes alimentares capazes de despertar e aumentar as potencialidades amorosas.

Nessa gastrosfera afrodisíaca, existem muitas listas de alimentos que nos são propostos como capazes de despertar e melhorar nossas habilidades amorosas. Alguns deles são: chocolate, abacate, açafrão, ostras, melancia, frutos do mar, morangos. Mesmo sites de saúde como *Healthline* apontam para alimentos afrodisíacos como salmão, ostras, nozes e sementes, maçãs, até beterraba e vinho. No Brasil, a gastrosfera afrodisíaca inclui açaí, chocolate, mel, maracujá, guaraná, gengibre e pimenta, entre outros. A farofa de barú é uma castanha afrodisíaca nativa do Brasil, também chamada de “Viagra do Cerrado”.

Mas a gastrosfera afrodisíaca não se limita ao alimento em si, mas inclui as técnicas e rituais de preparação, apresentação e consumo de alimentos. Também inclui um consumo sintagmático (de lanches, entradas, pratos principais, sobremesas, digestivos, etc.), o que torna a ingestão não uma simples aquisição de nutrientes para a formação de tecidos corporais, mas também uma performance simbólica. A semiotização dos alimentos como signos de natureza erótica implica uma operação semiótica de transformação dos sentidos, cujos principais gatilhos têm a ver com os diversos contextos históricos e culturais que os explicam.

SITOFILIA: *FOOD PORN*

Nas últimas décadas, uma das abordagens das relações sitofílicas entre comida e erotismo é o chamado *food porn*¹, expressão que une dois termos em uma conjunção inesperada e que está ligada a pelo menos duas semiotizações principais, de conteúdos totalmente diferentes. O primeiro tem uma predominância pornográfica, propriamente dita, e sua expressão mais frequente é

¹ “Embora não haja certeza sobre a época em que o termo *food porn* começou a ser usado, uma das primeiras publicações conhecidas é a Nutrition Action Healthletter, na qual uma seção chamada *Right Stuff Vs. Food Porn* começou a aparecer na década de 1980. Nela, dois produtos eram comparados do ponto de vista nutricional” (Cuadros Restrepo, 2015, p. 18).

² Para um diagnóstico e análise de imagens relacionadas ao *food porn*, ver Cuadros Restrepo (2015).

encontrada em sites de vídeos pornográficos, como é o caso do site Pornhub, que possui uma seção chamada *Food Porn*² com 1.375 vídeos.

A segunda abordagem tem a ver com a apresentação fotográfica ou em vídeo da refeição. Para McBride, por exemplo, *food porn* é “comida que é tão sensacionalmente fora dos limites do que deveria ser um alimento que merece ser considerado pornográfico”. Para Kohn (2017, p. 123), *food porn* tem a ver com “As imagens deliciosas e altamente estilizadas de alimentos que são mostradas em revistas, programas de culinária e redes sociais e que se destinam a induzir o desejo de comer”. Para Tooming (2021, p. 127), “o food porn nos permite participar de projetos de imaginação gustativa intermodal”. Para Stano (2018, p. 130), “Outra possibilidade interessante parece surgir para a definição de food porn como um mecanismo voyeurista de ‘despir’ a substância alimentar, uma espécie de revelação levada ao extremo . . . que parece querer alcançar o ‘tocar’ a comida.” Para Ibrahim (2015, p. 2), o *food porn* “alude à fetichização da comida e sua coalescência com o desejo ao estilizar ofertas culinárias através do ponto de vista da lente da câmera para serem consumidas por públicos famintos”.

Apesar de suas diferenças, essas abordagens compartilham o caráter visual das representações gastronômicas, por um lado, e, por outro, identificam o propósito de estimular e excitar os sentidos. Um terceiro elemento que pode ser acrescentado é o predomínio das mídias digitais na construção de imaginários gastronômicos que giram em torno do *food porn*.

Para nós, o *food porn* articula dois componentes semanticamente distantes, constituindo, assim, uma figura retórica semelhante à antítese, uma vez que o que normalmente se entende por pornografia não teria sementes comuns com a comida. O termo *food porn* resolve a contradição graças a um mecanismo semiótico que, entre outras coisas, implica uma semiotização gastronômica em que a comida, graças a estratégias atraentes, se torna um fetiche, em que, de certa forma, os pratos não são para comer, mas para ver, uma espécie de estetização baseada em imaginários antecipatórios, mais visuais do que gustativos³. Como diz Acosta (2011, p. 7), a fotografia gastronômica, criadora do *food porn*, utiliza o recurso dos “*close-ups*, visão popularizada pela indústria do cinema pornô e que, aplicada à gastronomia, é chamada de ‘*porn food*’”. O olhar, um dos componentes fundamentais da semiose da Rostrosfera, é um dispositivo semiótico complexo graças ao qual os objetos visuais adquirem sentidos. Como diz o fotógrafo Gormaechea, “Os fotógrafos gastronômicos são a encruzilhada entre o olhar do chef e o olhar do comensal” (Acosta, 2011, p. 8).

³ Para uma excelente representação fotográfica e artística do que é considerado *food porn* ver Acosta (2011).

MISTICISMO ERÓTICO

A relação corpo/alimento pode ter um valor místico e erótico, como observamos neste depoimento de Santa Verônica Giuliani, jovem nascida em 1660, perto de Urbino, Itália, que em sua biografia afirmou pegar um quadro da Virgem Maria amamentando o Menino Jesus e abraçá-lo:

Comecei a me despir. Desvelei meu pequeno seio e disse: ‘Jesus, largue esse peito. Venha tomar seu leite aqui comigo’. E lhe ofereci meu peito. Ele se afastou da virgem e agarrou-se ao meu. Oh! Meu Deus! Não consigo narrar o que vivi nesse momento . . . Ele não era mais um garotinho pintado, mas sim de carne e osso . . . Então aconteceu que durante vários dias naquele peito senti um calor tão grande que parecia um incêndio. (R. M. Bell, 1987 como citado em Rossi, 2013, p. 52)

Um caso semelhante é encontrado na relação entre Santa Clara e São Francisco. A primeira conta que em 1230 teve um sonho, que aparece em seu processo de santificação do Vaticano, em que ela afirma que:

Quando alcançou São Francisco, ele tirou um seio da camisa e disse: “Venha, receba e chupe.” Ela o fez, então São Francisco implorou para que ela chupasse uma segunda vez. E o que ela provou destarte lhe pareceu tão doce e delicioso que de forma alguma ela poderia expressá-lo, e depois de ter chupado, aquela extremidade ou parte superior do peito de onde veio o leite permaneceu entre os lábios da abençoada Clara; ela pegou com as mãos o que restava em sua boca, e isso lhe pareceu um ouro tão claro e tão brilhante que nele ela podia ver-se como em um espelho. (Cardaillac, 2012, p. 8)

O erotismo e o misticismo têm uma relação semelhante com a corporeidade e a espiritualidade, com o humano e o divino. Isso é expresso por Miaja de la Peña (2000, p. 192), ao analisar o erotismo e o misticismo em *O Livro do Bom Amor*, do Arcipreste de Hita: “o Livro está dando a diretriz para passar do humano para o divino, do corpóreo para o espiritual, do erótico para o místico, do ‘amor louco’ para o ‘bom amor’”.

Bataille (2023 [1957], p. 11) refere-se ao erotismo místico como erotismo sagrado: “o erotismo sagrado se confunde com a busca ou, mais precisamente, com o amor de Deus”; “corresponde à fusão dos seres com algo além da realidade imediata” (p. 13), em que místico e sagrado se confundem como se fossem conceitos equivalentes; embora sejam conceitos relacionados, são diferentes.

Enquanto a experiência mística é uma relação do humano com o sagrado, esta última é uma condição do divino.

O componente alimentar nessas experiências místicas é quase sempre o leite, como visto nos dois casos citados. Existem inúmeras representações pictóricas em que a virgem Maria alimenta os santos e profetas com leite materno, como o vitral de *A Virgem do Apocalipse* (século XII), localizado na catedral de San Esteban de Bourges, na França, em que a mãe de Jesus amamenta Moisés e Elias. Um vitral semelhante, no qual a virgem amamenta um homem velho, está na catedral de Reims, França; enquanto, no Mosteiro de La Merced, em Cuzco, Peru, há uma pintura de Ignacio Chacón, intitulada *A Lactação de São Pedro Nolasco*, 1663 (Figura 5), (Cardaillac, 2012), na qual a virgem amamenta ao mesmo tempo o Menino Jesus e o santo. Na pintura *São Bernardo e a Virgem*, de Alonso Cano (Figura 6), a mãe de Jesus envia um fluxo de leite do ventre para a boca do santo.

Figura 5

Lactação de San Pedro Nolasco, por Ignacio Chacón (1745-1775), Cuzco, Peru



Nota. Polos Vieiros da Arte (2016).

Figura 6
San Bernardo y la Virgen (1645),
 de Alonso Cano



Nota. Museo del Prado, Madrid, Espanha.

O simbolismo do leite é duplo, uma vez que, por um lado, é alimento e, por outro, em virtude de sua localização em uma zona erógena do corpo, também é um sinal erótico, como vimos em Cânticos 4:11.

ANTROPOFAGIA, COMENSALIDADE E EROTISMO

Uma prática final sobre as relações entre corporeidade, comensalidade e erotismo tem a ver com a antropofagia, uma parafilia conhecida como Vorarefilia. Para o escritor brasileiro Oswald de Andrade (1928, p. 1), “Somente a Antropofagia nos une . . . Só estou interessado no que não é meu. Lei do Homem. Lei do antropófago”.

A antropofagia pode ser expressa como um processo alimentar, religioso ou erótico. O exemplo mais conhecido de antropofagia alimentar é o dos integrantes da equipe uruguaia de rugby que ficaram por 72 dias nos Andes, após o acidente do avião em que viajavam. Seis livros foram escritos e seis filmes foram feitos sobre essa história de antropofagia alimentar. Sobre a antropofagia religiosa, expressa em rituais de consumo, simbólico ou real, dos corpos humanos, há exemplos em diversas culturas. O livro do século XVI *História da Terceira Parte da América, especialmente da Província do Brasil*, livro que alguns atribuem a Hans Staden e outros a Theodor de Bry, mostra práticas antropofágicas com conteúdos religiosos entre os indígenas brasileiros.

D

Novas disquisições sobre a *Corposfera*

Sobre a antropofagia erótica, há inúmeros casos conhecidos, como o do escritor japonês Issei Sagawa, que assassinou uma estudante holandesa em Paris em 1981, e depois a comeu por partes. Em sua confissão à polícia francesa, Sagawa dirá:

Espeiei tanto tempo por este dia e aqui está. Eu toco seu rabo. É muito macio. Eu me pergunto onde devo morder primeiro. Eu decido que tem que ser o topo de suas nádegas . . . Ela derrete na minha boca como um pedaço de atum. Olho nos olhos dela e digo: você é deliciosa. (Balbiani, 2023)

Em uma análise semiótica, quais são os significados de consumir o corpo do outro? O erotismo antropofágico encontra seu sentido na comunhão, entendida como tornar-se comum a um e ao outro e, além disso, no sentido de ser um com/no outro. É um processo de anular a própria identidade para recriá-la e a anulação da alteridade do outro, da revogação do “eu” e do “outro” para se tornar uma espécie de “eutro”, em uma unidade conjuntiva, que Sagawa expressou assim: “Finalmente, ela está no meu estômago. Ela é minha . . . Depois de engolir, a sinto no meu corpo” (Balbiani, 2023).

Essa unidade conjuntiva é profundamente erótica e, portanto, é expressa através dos cinco sentidos: é olfativa, tátil, visual, sonora e gustativa, pelo menos é o caso de Sagawa, que, em seu depoimento, diz:

- “Eu conseguia sentir o cheiro do corpo dela.”
- “Eu toco seu rabo. É muito macio”.
- “Ela era a mulher mais bonita que eu já vi”, “Eu não conseguia tirar os olhos de cima dela”. “Eu a olho nos olhos e digo: você é deliciosa”.
- “Ela começa a ler. Ele fala alemão perfeitamente”.
- “Derrete na minha boca como um pedaço de atum”. (Balbiani, 2023)

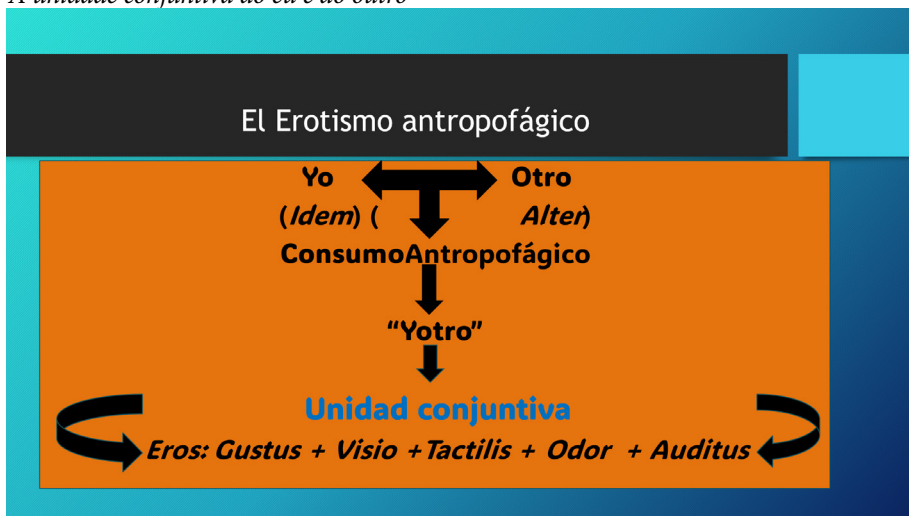
De certa forma, Sagawa descreve uma experiência de êxtase, que o DRAE define como “Estado da alma caracterizado por uma certa união mística com Deus através da contemplação e do amor, e pela suspensão dos sentidos”, mas que Cardaillac (2012, p. 13), mais apropriadamente, define etimologicamente como “uma saída do eu, uma perda da continuidade do ser, de certa forma uma desintegração provisória da identidade”.

É nessa conjunção unitária entre mim e outro que se articula uma nova unidade, o que podemos muito bem chamar de *eutro*. Em meu livro, *La Corposfera*,

propus algumas definições de limites e fronteiras do corpo que explicam a unidade conjuntiva que chamo de Eutro *e* que poderia ser representada assim:

Figura 7

A unidade conjuntiva do eu e do outro



Nota. Elaboração própria.

No *eutro*, encontramos

fronteiras rompidas, mas também fronteiras significativas que não se esgotam nas extremidades do interior e do exterior, mas se regozijam com a incerteza do trânsito, de passar para dentro enquanto está fora. É justamente no trânsito que a tensão semiótica, a dúvida dos significados, se torna mais *intensa*, a atração para o interior e a atração para o exterior. (Finol, 2021, p. 56)

Nesse sentido, a comunhão erótica com o corpo do outro é uma transgressão dos limiares corporais, “atração para dentro” e “atração para fora”, limiares que se localizam entre os limites e fronteiras do corpo.

UM MODELO SEMIÓTICO CORPO-ALIMENTAR

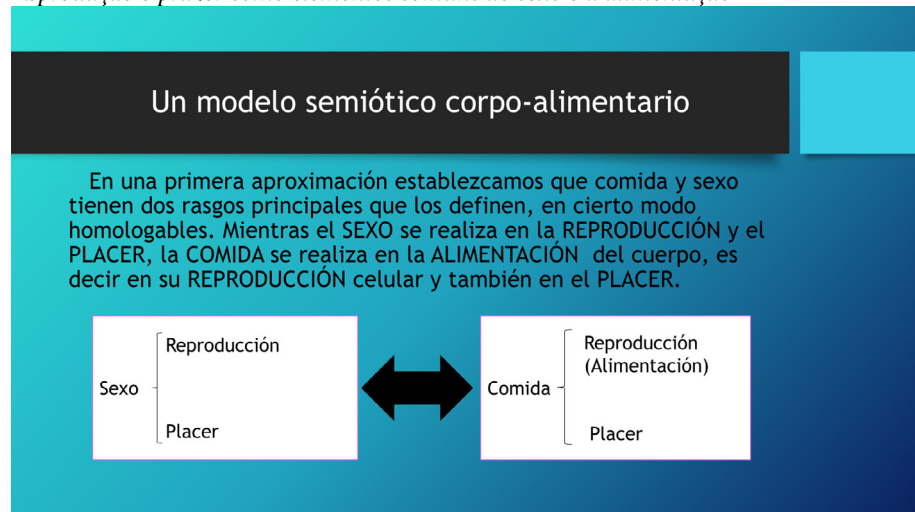
Para uma Semiótica Corporal, as expressões sexuais e eróticas relacionadas à alimentação não apenas lançam luz sobre os processos de construção de sentidos relacionados à corporeidade, mas também sobre uma Semiótica Gastronômica.

Estes são dois poderosos regimes de importância que sustentam os sistemas culturais de numerosas, se não todas, as sociedades conhecidas.

Diante do exposto, vamos propor um modelo de relações básicas entre sexo, erotismo e alimentação, para então nos referirmos ao conceito de erotismo em ambas as áreas.

Figura 8

Reprodução e prazer como elementos comuns ao sexo e à alimentação



Nota. Elaboração própria.

Certamente, sexo e comida não se limitam a esses dois componentes. A comida também é um relator social, um ponto de encontro, pois tem uma função gregária. Além disso, em algumas culturas, a comida serve funções rituais de natureza funerária. Cada sistema culinário também é um componente dominante dos sistemas culturais. O mesmo pode ser dito para o sexo. Ambos têm uma dimensão individual e social. Enquanto a prática diária da alimentação é realizada de forma individual e privada ou, no máximo, em família, ela também adquire uma dimensão social e pública quando se transforma em banquete, entretenimento ou tributo.

Da mesma forma, embora o sexo tenha uma dimensão individual e privada, ele adquire uma dimensão social e pública no caso, por exemplo, das orgias, que em Roma caracterizavam as partes em homenagem ao deus Baco, os chamados bacanais. Além disso, hoje algumas práticas sexuais privadas são compartilhadas, como em *swinging* ou *swapping*, onde casais, chamados *swingers*, trocam com outros casais para fazer sexo. Algo semelhante acontece com aqueles casais

que concordam em ter uma vida sexual não monogâmica e aberta, na qual a privacidade e a exclusividade desaparecem.

Ora, se projetarmos a noção semiótica de /excesso/ sobre os dois termos considerados – comida e sexo – obteremos /gula/, de um lado, e /luxúria/, de outro. Da mesma forma, se projetarmos a noção de /falta/ nos mesmos termos, obteremos /jejum/, por um lado, e /abstinência/, por outro. Tais operações nos permitiriam desenvolver um modelo como o seguinte:

Figura 9

Corporeidade sexual-alimentar



Nota. Elaboração própria.

Aqui a gula poderia ser definida como “apetite exagerado”, cuja representação literária encontramos em *Gargântua e Pantagruel*, enquanto a anorexia seria seu oposto, “inapetência exagerada”, cuja representação mais conhecida aparece nas famosas fotos de Isabelle Caro tiradas por Olivieri Toscani em 2007 (Figura 10) e utilizadas na campanha publicitária da empresa de roupas femininas Nolita.

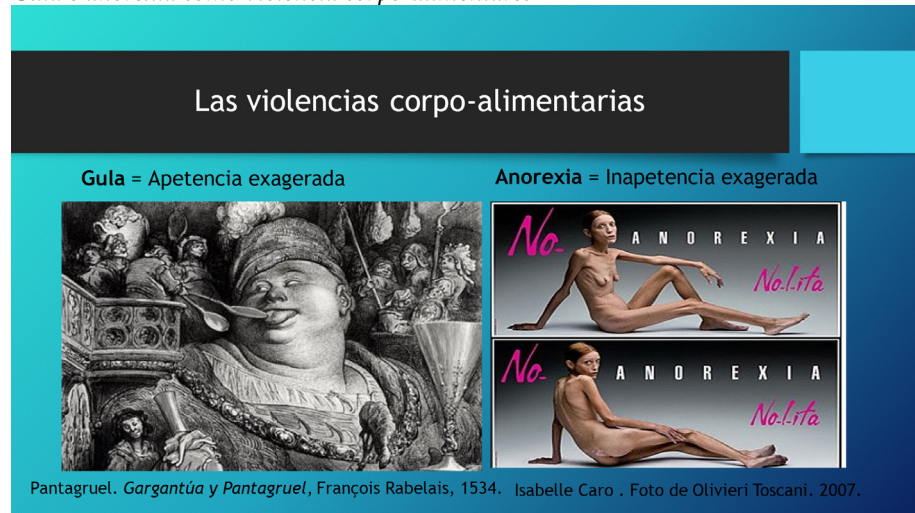
O jejum é uma prática gastro-corpórea, um “excesso de carência”, muitas vezes associado a algumas religiões tradicionais, como o budismo, o hinduísmo e o islamismo. Embora o jejum religioso seja uma prática penitencial, Jesus viu isso como uma alegria: “Quando você jejuar, unja a cabeça e lave o rosto, para que seu jejum não seja visto pelos homens, mas por seu Pai que está lá em segredo; e seu Pai que vê em segredo o recompensará” (Mateus 6:17-19).

No mês do Ramadã, os muçulmanos não apenas se abstêm de comida, mas também de relações sexuais, o que mostra uma ligação entre duas práticas cujo

eixo temático fundamental é a abstinência corporal do prazer. Abstinência de alimentos e abstinência de sexo.

Figura 10

Gula e anorexia como violência corpo-alimentares



Nota. Elaboração própria.

Fisiologicamente, a Organização Mundial da Saúde define fome como “sensação desconfortável ou dolorosa causada pelo consumo insuficiente de energia dietética. Privação de alimentos; não são ingeridas calorias suficientes.” (<https://www.who.int/>). Da mesma forma, “A fome induz a ingestão de alimentos; a satisfação é um estado de plenitude que o obriga a parar de comer e a saciedade é a sensação de plenitude existente até o início do próximo sinal de fome, geralmente determinado pela hipoglicemia (diminuição dos níveis de açúcar no sangue)” (Carranza Quispe, 2016, p. 117).

Gargântua e Pantagruel (1532-1564), de Rabelais, é o romance do excesso, da gula voraz, da ingestão excessiva que ignora sua relação com o sexo, exceto no parágrafo seguinte, onde Gargântua exhibe seus apetites carnis:

Pois saiba que este libidinoso prejudicava suas empregadas pela frente e por trás, e eia potranca, porque sinais de vida já podiam ser vistos em sua bragui-lha. Um dia elas a adornaram com belos buquês, lindas fitas, lindas flores e lindos fios, e se alegraram passando as mãos sobre ela como se fosse um rolo para fazer pomadas. Então elas se contorceram de riso quando ele levantou a orelha, porque gostaram do jogo. Uma a chamava minha torneira, outra meu

talo de coral, outra minha salsicha de sangue, outra meu tampão, outra minha broca, meu agitador, minha flauta, meu pingente, meu tormento, minha cauda. (Rabelais, 1532-1564, p. 29)

Como fenômeno da corporeidade, a fome aparece fisiológica e semanticamente distanciada do erotismo e do sexo. Como diz Pantagrue:

- “Estamos aqui para comer ou para lutar?
- Para a batalha, certamente; mas do ventre vem a dança, e onde reina a fome, foge a força”. (Rabelais, 1532-1564, p. 80)

Esse distanciamento, no entanto, desaparece em regimes alimentares extremos, em que a fome aparece como inimiga das buscas ortoréxicas e das buscas estético-corporais.

CONCLUSÕES

Como já disse uma vez, “as práticas eróticas são usualmente caracterizadas pela implicitude, imaginação e promessa” (Finol, 2023, p. 309), o que as torna semioticamente variadas e maleáveis, como vimos nos casos apresentados, em que as relações semióticas entre corporeidade, comensalidade e erotismo são extensas e se desenvolvem em vários níveis de significação.

O corpo, a alimentação e o erotismo se articulam como processos de comunicação, socialização e simbolismo. Além disso, como apontam alguns autores, elas se articulam como um espetáculo, como uma espécie de alegria da visualidade, como vimos no caso do *food porn*.

O corpo como ator e palco de expressões de comensalidade e erotismo é parte ativa, fundamental de muitos rituais de alimentação e sedução. Corpo, comida e erotismo também aparecem em algumas formas de misticismo religioso.

As experiências sociais e individuais das complexas, ricas e variadas relações entre corporeidade, comensalidade e erotismo nos convocam, como estudantes dos processos de produção de sentido, de semiogênese, nos convocam, repito, a elucidar os mecanismos pelos quais esses sentidos são produzidos, e como eles nos ajudam a compreender os processos sociais e culturais que ocorrem em sociedades particulares, em contextos e experiências.

Somente na medida em que contribuímos para elucidar esses processos complexos, a Semiótica será útil e relevante em um mundo que diariamente, infinitamente, se pergunta sobre os sentidos. ■

REFERÊNCIAS

- Acosta, Y. (2011). *Fotografía gastronómica: Del bodegón al porn food* [Catálogo de Exposición]. Casa de los Capitanes, La Laguna, Tenerife, España.
- Allende, I. (1997). *Afrodita*. Sudamericana; Plaza Janés.
- Andrade, O. (1928). Manifiesto Antropófago. *Revista de Antropología*, 1(1). https://buenosaires.gob.ar/areas/educacion/cepa/manifiesto_antropofago.pdf
- Balbani, C. (2023, 17 de noviembre). El caníbal millonario que violó y devoró a su compañera de la universidad: “La veía como un sabroso bowl de carne”. *Infobae*. <https://www.infobae.com/historias/2023/11/17/el-canibal-millonario-que-violo-y-devoro-a-su-companera-de-la-universidad-la-veia-como-un-sabroso-bowl-de-carne/>
- Bataille, G. (2023). *El Erotismo*. Tusquets Editores.
- Cardillac, L. (2012). Erotismo y santidad. *Intersticios Sociales*, (3): 1-31. <https://doi.org/10.55555/IS.3.25>
- Carranza Quispe, L. (2016). Fisiología del apetito y el hambre. *Enfermería Investiga, Investigación, Vinculación, Docencia y Gestión*, 1(3), 117-124. <https://revistas.uta.edu.ec/erevista/index.php/enfi/article/view/754>
- Cartwright, M. (2018, 24 de octubre). Afrodita. *World History Encyclopedia*. <https://www.worldhistory.org/trans/es/1-494/afrodita/>
- Cuadros Restrepo, J. (2015). *Food porn: Imagen y apetitos insatisfechos* [Tesis de doctorado, Pontificia Universidad Javeriana]. Repositorio Institucional – Pontificia Universidad Javeriana. <https://repository.javeriana.edu.co/handle/10554/18391>
- Finol, J. E. (1993). Semiótica del rito en una sociedad contemporánea: La despedida de soltera. *Relaciones*, (111).
- Finol, J. E. (1994). Socio-semiótica del Rito en la Sociedad Contemporánea: la Despedida de Soltera en Venezuela. *Espacio Abierto*, 3(5), 95-113. <https://produccioncientificaluz.org/index.php/espacio/article/view/2337>
- Finol, J. E. (2021). *On the corposphere: Anthroposemiotics of the body*. De Gruyter Mouton.
- Finol, J. E. (2023). On the corposphere: Body, eroticism and pornography. In A. Olteanu & P. Cobley (Eds.), *Semiotics and its Masters* (Vol. 2, pp. 299-310). De Gruyter Mouton.
- Hunt, L. (Ed.). (1991). *Introduction to eroticism and the body politic*. Johns Hopkins University Press.
- Ibrahim, Y. (2015). Food porn and the invitation to gaze: Ephemeral consumption and the digital spectacle. *International Journal of E-Politics*, 6(3), 1-12. <https://doi.org/10.4018/IJEP.20150701>

- Kohn, G. (2017). Food porn as visual narrative: Food blogging and identity construction. *Southeast Asian Review of English*, 52(1), 122-142. <https://doi.org/10.22452/sare.vol52no1.10>
- Polos Vieiros da Arte. (2016, 4 de diciembre). *Lactatio y Caritas*. <https://vieirosdaarte.blogspot.com/2016/12/lactatio-y-caritas.html>
- Lotman, I. (1996). *La semiosfera: La semiótica de la cultura*. Cátedra.
- Miaja de la Peña, M. T. (2000). Erotismo y misticismo en las figuras femeninas del *Libro de buen amor*. In F. Sevilla & C. Alvar (Eds.), *Actas del XIII Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas: Madrid, 6-11 de julio de 1998* (Tomo 1, pp. 188-193). Asociación Internacional de Hispanistas; Editorial Castalia; Fundación Duques de Soria.
- Miranda, L. R. (2019). Arqueología del amor: la representación de Afrodita y de Eros en el pensamiento antiguo. *Nuevo Itinerario*, 14(1), 29-57. <https://revistas.unne.edu.ar/index.php/nit/article/view/3706>
- Rabelais, F. (1532-1564). *Gargantúa y Pantagruel*. Fundación Carlos Slim. <https://cdn.pruebat.org/recursos/recursos/libros/pdf/gargantua.pdf>
- Rossi, P. (2013). *Comer*. Fondo de Cultura Económica.
- Stano, S. (2018). *I sensi del cibo: Elementi di semiotica dell'alimentazione*. Aracne Editrice.
- Tooming, U. (2021). Aesthetics of food porn. *CRÍTICA, Revista Hispanoamericana de Filosofía*, 53(157), 127-150.
- Volli, U. (2018). Prefazione. In S. Stano. *I sensi del cibo: Elementi di semiotica dell'alimentazione* (pp. 11-18). Ariadna Editrice.

Artigo recebido em 17 de outubro de 2024 e aprovado em 23 de outubro de 2024.

